

A Cruz de Cristo — uma Reflexão Histórico-Religiosa

Saskia Ossewaarde

In Memoriam: Johannes Arnoldus van Nie
03.08.1893 — 07.10.1979

Introdução

Nesta contribuição temática pretendo estudar a cruz de Cristo, desdobrando-a nos seguintes motivos: a árvore da vida, a divindade que se sacrifica, o sacrifício e a encarnação; temas centrais da cruz.

Gostaria de analisar como os temas vida e morte estão presentes e são trabalhados nos quatro tópicos mencionados, através de exemplos tirados de religiões não-cristãs. Num segundo passo, interpretarei os diversos motivos analisados para entender como estes se reúnem na cruz de Cristo. Usarei a iconografia como auxílio nesta reflexão. Dentro do contexto brasileiro é interessante observar a visão sobre a cruz entre grupos religiosos que não têm tanta afinidade com a Igreja, mas para quem, mesmo assim, a pessoa de Cristo, sua paixão e sua morte ocupam um lugar importante na sua visão religiosa. Colocarei a interpretação da cruz assumida por espíritas kardecistas e por membros de movimentos religiosos orientais, cujos modelos de interpretação conquistam um espaço cada vez maior.

Na conclusão apresentarei a questão onde, a meu ver, se detecta a maior discrepância na interpretação.

1. “El Amancay”¹

Os mapuches eram um povo indígena forte e numeroso da Argentina, habitantes da região da Patagônia. Ali, nas montanhas, nos lugares mais rochosos, cresce uma linda flor, o Amancay. Existe uma lenda na qual os mapuches revelam seu espanto sobre a vida desta flor num meio morto de montanhas. Um convívio da vida e da morte que causa surpresa e admiração. A estória explica como esta flor acabou brotando justamente nessa região:

Vivia — faz muito tempo — uma tribo de índios na Patagônia, perto da beira do rio. Eram os mapuches. Quintral, filho do chefe tribal, sempre gostava de passear por ali. Um dia, encontrou uma moça bonita e os dois se apaixonaram. Ela se chamava Amancay. Os dois viviam juntos, felizes, até que Quintral adoece numa epidemia. Amancay fica desesperada e vai — aconselhada por uma curandeira — em busca da planta que deve salvar a vida do seu namorado. É um empreendimento arriscado, pois esta planta costuma crescer nos cumes dos montes que sempre estão cobertos de neve. Aman-

cay acha a planta e volta, descendo para a aldeia. Mas o Condor, rei das montanhas, lhe corta o caminho e a coloca diante da opção: ou doar-lhe a planta ou a sua vida. Então, Amancay lhe promete entregar seu coração, depois de ter levado a planta para a curandeira que salva Quintral.

Assim acontece: Amancay volta ao Condor, que pega seu coração e sai voando com o coração nas patas. Gotas de sangue pingam do coração e caem nas rochas das montanhas. Ali crescem as lindas flores, com a cor de ouro, chamadas Amancays.

A lenda tem aparentemente um caráter etiológico e expressa o espanto de um povo que encontra nas montanhas selvagens uma flor delicada e linda. A flor mais linda dos Andes é uma gota de sangue, dada como resgate pela vida de um amigo.

Sem a morte de Amancay, sua flor não pode existir. Vida é somente possível como fruto de solidariedade e a solidariedade implica sofrimento: sem morte, não há vida. De semelhante modo, Amancay arriscou a sua vida quando buscou a planta medicinal que também crescia em lugares quase inacessíveis, cobertos de neve, que em princípio impede nova vida.

Esta estória se desenvolve no nível da lenda, ou seja, a participação divina está ausente.

2. **Árvore — Símbolo da Vida Eterna**

Exemplo mais salientado da vida que tem suas origens na morte são as árvores, os gigantes da terra que, por sua natureza de ser, sempre surpreenderam e impressionaram a humanidade. Provavelmente não há mitologia onde a árvore não aparece de uma ou outra maneira como tema. Enraizada no inferno, com o tronco no mundo e os ramos estendidos até o céu, a árvore representa o cosmos e é vista como “Axis Mundi”²² (eixo do mundo).

Dela brotam anualmente folhas, flores e frutos e a mesma degenera e regenera alternadamente. Pela sua capacidade de regeneração a árvore participa da Vida com maiúsculo: da Vida que abrange a vida e a morte, da imortalidade, pois mostra cada ano saber dar “a volta por cima” e ganha uma conotação sagrada.

O poeta romano Ovídio mostra sua admiração pela árvore. Na sua obra “Metamorfoses”²³, ouve-se do casal de velhinhos Philemon e Baucis: num dia recebem a visita de deuses que aparecem incógnitos. Estes são recebidos devidamente e, gratos pela hospitalidade mostrada, pedem ao casal expressar seu desejo mais querido para ser realizado pelos deuses. Assim sendo, Philemon e Baucis dizem que, se tiver chegado a hora da morte, gostariam de se despedir juntos desta vida. Seguem ainda, antes deste momento, uns anos de serviço humilde dos dois na sua casa que se transformou num templo. Os deuses, então, tendo compaixão dos seres humanos mortais, concretizam a transformação do casal em duas árvores, que sob esta forma participam da eternidade.

Num outro poema⁴, Ovídio descreve o destino da virgem Dafne, que, na fuga do amor do deus Apolo, pede aos deuses por uma transformação da sua aparência externa, bonita, na expectativa de que Apolo assim certamente perderá seu interesse nela. A metamorfose acontece e Dafne vira loureiro, árvore sempre-viva.

Nestes casos vislumbra já vagamente a mão divina, que é o agente nas metamorfoses. É interessante observar como as árvores aparecem em momentos importantes na vida e como elas inspiram o ser humano na sua reflexão existencial. A árvore desempenha um papel central na vida de Sidharta Gautama que procurou uma árvore para abaixo dela meditar, até que alcançou o estado de buda, “iluminado”, estado de quem, repentinamente, entende a razão das coisas da vida. A partir desta hora chama-se a árvore de “Árvore da Iluminação” e é venerada até hoje por milhões de budistas.

3. *Dema*

Porém, a árvore não tem somente um significado simbólico. Pelo contrário, a própria sobrevivência do ser humano depende dela, materialmente falando.

As árvores e outras plantas lhe fornecem a alimentação básica que renova a vida diariamente. Em certas culturas predominantemente dependentes da agricultura, encontra-se um complexo sistema de crenças em seres divinos que possuem características especiais. Por causa de sua natureza e função típica inclusive receberam um nome técnico: *dema*, nome derivado da religião dos marind-anim, indígenas do sudeste de Irian Barat, cuja cultura e religião foram estudadas detalhadamente por A. Jensen. Este mesmo pesquisador deu uma grande contribuição na interpretação dos *dema*.

Os *dema* são seres míticos na forma de ser humano ou animal e têm o dom da autotransformação. Assim, o *dema* Jawi (na religião dos marind-anim) é morto por via mágica e depois enterrado. Do sepulcro, ou segundo outras versões do mito, justamente da cabeça dele, brota o primeiro coqueiro. Um outro exemplo é o *dema* Geb: ele é preso e torturado por seres humanos e à noite cresce a primeira banana do seu pescoço⁵. Os mitos dizem, enfim, que os *dema*, nos tempos primordiais, criaram as condições da vida humana através da sua morte. Os alimentos, portanto, não são somente dádivas divinas, mas são originalmente o próprio corpo da divindade, transformado. Na verdade, todas as coisas importantes na cultura dos marind-anim se devem, em última instância, aos *dema*.

O personagem do *dema* não se limita a esta cultura, mas o mesmo motivo está presente também nos continentes da África e América Latina. Os índios brasileiros tupinambá contam um mito sobre o deus Maire-monan que, no caso, não morre, mas que sofre e traz benefícios de uma maneira diferente: numa época de fome, ele se compadece da raça humana e

se transforma numa criança. Só bater nela já causa uma chuva de plantas, prontas para serem plantadas na terra⁶.

O motivo do *dema* fica reconhecível e presente.

Em princípio, os *dema* são imortais, mas, mesmo assim, podem ser mortos na sua existência terrena. Eles brilham por sacrificar sua vida em favor da existência humana. São deuses que ganham seu perfil mais bonito no momento do seu sacrifício.

Há uma relação causal entre a morte e a vida: morte é o início da vida nova, que é uma vida submissa à morte e que se sabe manter exclusivamente através de novas matanças. Estas são realizadas em ritos, regularmente. O fiel é lembrado no rito que usufrui as bênçãos da vida e que elas têm seu preço.

4. Sacrifício

Muitas vezes, o sacrifício é entendido como um tipo de comércio de troca entre deuses e seres humanos, sendo esta interpretação indicada com o termo técnico *do ut des* (dou para que tu dê). Porém, na maioria dos casos, não se pode aplicar a fórmula *do ut des* no sacrifício. O jogo de trocar bens e presentes pode ser realizado entre seres humanos, que vivem em pé de igualdade existencial (mesmo pertencendo a diferentes classes sociais e culturas), que, obedecendo as regras do jogo, se obrigam mutuamente. O sacrifício, entretanto, tem outros objetivos, já que os deuses e seres humanos não são da mesma categoria⁷, e atuam em níveis diferentes.

O sacrifício estabelece um contato entre deuses e seres humanos e é uma afirmação concreta do relacionamento. Aliás, esta função também está presente no jogo de trocar bens entre indivíduos. O sacrifício diverge no sentido de que no rito sacrificial se faz de conta de dar alguma coisa ao deus. Somente se faz de conta, pois, de princípio, tudo vem do deus e lhe pertence. O fiel, que é o agente do sacrifício, está consciente disto.

Se tudo pertence ao deus, tudo tem uma conotação sagrada. Antes de poder usufruir as dádivas, é necessário fazer uma divisão separando uma parte para o deus. Esta parte, posta de lado e dada, ou melhor, devolvida ao deus, é especialmente dedicada e sacralizada, permitindo a profanação do resto. O Sagrado (o tudo) abrange tanto o sagrado como o profano. Assim, certos objetos ou animais são postos de lado, separados do resto para representar o tudo e são sacralizados e oferecidos ao deus num rito que se chama de sacrifício. Nas dádivas oferecidas, o fiel reconhece a sacralidade de todas as coisas. Na devolução de uma parte, o ser humano pede o usufruto do resto para si mesmo. A parte do sacrifício que se mata é devolvida à Vida Eterna, reintegrada nela e, portanto, sacralizada, enquanto a parte que continua viva fica à disposição dos usufrutuários.

A idéia de que, a princípio, tudo é sagrado encontra-se de maneira

muito clara na tradição judaica, onde este resto, quando se trata de alimentos, carece ainda de um tratamento especial, ritual que deve tirar o caráter sagrado para que o alimento se torne apropriado (*kashér*) para o consumo por simples criaturas.

Na consciência de que todas as coisas são de deus, pode-se sacrificar algo com um valor simbólico em vez de algo precioso. Os gregos, por exemplo, costumavam sacrificar os ossos do animal e guardavam a carne para si, e os nuer (Sudão) substituíam o boi por um pepino, por falta de recursos e esperavam que o deus aceitasse a boa vontade sem se importar com o pequeno valor real do pepino, ao qual se referiam durante o ritual todo como “boi”⁸.

Interpretado o sacrifício deste jeito e não como jogo de *do ut des*, a refeição sacramental pode ser vista como rito festivo na qual os fiéis celebram o usufruto dos alimentos, libertados do sentimento de culpa provocada pela sabedoria de que tudo que mantém e sustenta a vida no fundo é de deus.

Assim entende-se que o indivíduo nunca pode beneficiar seu deus, mas ele é, pelo contrário, sempre o beneficiado. São, então, os deuses mesmos que fazem benefícios à humanidade.

5. Encarnação

Em certos casos estudados acima, trata-se de dádivas sagradas (animal, objeto), que pertencem ao deus, enquanto em outros o próprio deus é objeto do sacrifício. Para poder ser sacrificado pelo ser humano, a divindade precisa ter encarnado em alguma matéria. Esta transformação se deu claramente nos exemplos expostos dos *dema*. Mas a encarnação não implica necessariamente o sacrifício do deus.

A encarnação do deus num corpo humano não é monopólio do cristianismo. Os hindus, por exemplo, conhecem o deus Vixnu que às vezes aparece sob forma humana para ser um facilitador da salvação através do seu exemplo divino, vivido neste mundo. Seus mais famosos “avatares” (encarnações) são Krishna e Rama.

Seu “sacrifício” consiste justamente em assumir pessoalmente a vida humana. É claro que a encarnação, em si, não implica o sacrifício do deus, sacrifício no próprio sentido do termo.

6. Cruz de Cristo

Na pessoa de Jesus Cristo os motivos acima tratados se reúnem. A árvore da vida, a encarnação, o sacrifício — temas antigos e conhecidos no mundo religioso são integrados e pensados no cristianismo de uma maneira única.

Cristo representa a encarnação de Deus, que se tornou homem no seu Filho. Na tradição histórico-religiosa a sua encarnação não era uma novidade. Assim, Cristo podia ser um exemplo luzente, como Krishna e Rama o eram. Porém, no caso de Cristo, à encarnação se juntam os demais motivos analisados acima.

Ele é o sacrifício, posto de lado, sacralizado e substituído neste único sacrifício todos aqueles praticados no AT. A sua sacralização no sacrifício leva à profanação do resto da criação. A morte de Cristo traz o livre usufruto da criação para nós, tematizada na teologia de Paulo. Jesus Cristo não é somente o sacrifício, mas em Cristo é o próprio Deus que entrega seu Filho livremente.

Então, na sua encarnação, Deus não deu somente um exemplo luzente para nos aperfeiçoarmos na nossa caminhada, mas ele se tornou homem para ser sacrifício, que nos liberta e salva.

Neste caso, a encarnação significa: assumir a vida humana e levar o sofrimento nela implicado até o fim. O Deus que sofre tão visivelmente era um tema inaudito.

O sofrimento e a morte de Jesus são a fonte e o tema principal na arte cristã. Nos primeiros séculos, a representação de Cristo pregado na cruz está praticamente ausente na arte. O aspecto insultante de uma morte na cruz provocou uma sensação de constrangimento nas novas comunidades cristãs, provenientes de ambientes pagãos e poderia também repelir os pagãos. Tão chocante e sem precedente foi a revelação divina na cruz⁹!

Depois da Igreja se tornar religião oficial no Império Romano, caíram fora os argumentos contra uma representação plástica da morte na cruz do Deus-Homem. Mas nos exemplos mais antigos domina ainda a expressão do triunfo e não a da humilhação nem do sofrimento, expressão que fica até no século XIII¹⁰.

No século XIII vemos Cristo pendurado numa árvore da vida. Já na patrística encontram-se paralelos formulados entre a cruz e a árvore. Confira Agostinho: “*in arbore perivimus, in arbore redempti sumus; in ligno mors, in ligno vita pependit*”¹¹ (através de uma árvore nós caímos na destruição, através de uma árvore estamos salvos; na madeira pendurou a morte, na madeira pendurou a vida”).

A representação da cruz como a árvore da vida, já conhecida a partir de século XII em ilustrações de livros, foi muito promovida no século seguinte, especialmente pelo tratado de Bonaventura, “*Tractatus qui lignum vitae dicitur*”¹².

Encontram-se diversos tipos de cruces-árvores, como a videira (cf. João 15.1s.), o carvalho, a roseira e outros mais; árvores florescentes com várias qualidades de frutos ou com os ramos curvados na forma de um coração. Às vezes os frutos simbolizam as virtudes mostradas por Jesus na cruz, como a Misericórdia, a Sabedoria, Obediência, Justiça, Paciência, Fé, Humildade, Amor e Esperança¹³.

O pintor brasileiro contemporâneo Nelson Porto se encaixa numa longa tradição iconográfica. Na sua obra *Via Sacra da Ressurreição* mostra em quinze quadros as quinze Estações, pintadas num estilo fino, quase ingênuo, com grande sensibilidade para detalhes, que são aplicados com uma técnica minuciosa¹⁴.

Cristo é crucificado na cruz (décima-primeira Estação), que se torna árvore na próxima Estação. E Nelson Porto vai além deste paralelo: já nas Estações três, sete e nove ele identifica Jesus com a árvore, quando Jesus cai três vezes. O cair de Jesus se observa na própria árvore que está sendo cortada três vezes e é Jesus mesmo que tem o machado nas suas mãos.

O último quadro, a décima-quinta Estação, mostra a ressurreição: uma árvore florescente que cresce em cima do tronco que tinha sobrado depois do corte total (sofrimento total). Na *Árvore da Vida* é viável a vida, pois o artista pintou casinhas e até uma igreja nos largos ramos verdes da árvore, e uns passarinhos que povoam o céu e que se aproximam dela.

Assim, para Nelson Porto, a ressurreição e a vida da Igreja se tornam visíveis na *Árvore da Vida*, onde a morte de Cristo e a nossa vida estão contidas e integradas.

7. Cruz de Cristo — Interpretação Espírita e Oriental

Na sociedade brasileira, o luterano se vê colocado diante de muitas interpretações da cruz, divergentes da visão que ele costuma adotar ou, em outros casos, que ele também adota: a membresia dupla não é uma raridade na IECLB. A confusão das doutrinas é promovida por linguagem obscura e vaga: onde se usam os mesmos termos, nem sempre se referem ao mesmo conteúdo. Assim, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, uma das obras principais para os espíritas kardecistas, mostra que, nesta visão espírita, sobra muito pouco da Boa Notícia. Em primeiro lugar, o espiritismo kardecista afirma a impossibilidade física da ressurreição e sugere — fazendo isto efetivamente — falar em “reencarnação”¹⁵. Segundo, entende que cada espírito passa por uma série de reencarnações que servem como oportunidade de aperfeiçoamento intelectual e moral. Cada um pretende chegar à salvação que, de fato, é uma auto-salvação, alcançada através de caridade, veículo imprescindível na caminhada, que é uma iniciativa variável e dependente do indivíduo. Jesus deu um bonito exemplo, conforme os espíritas, mas nenhum exemplo pode ser jamais salvífico para todos: o aspecto salvífico, literalmente crucial no cristianismo, perde sua importância completamente. A culpa dos seres humanos, acumulada nas vidas anteriores, deverá ser paga pessoalmente nesta vida e nas próximas que não de vir ainda.

Nota-se no espiritismo kardecista, que tem suas origens na Europa do século XIX, uma influência forte do cristianismo: as obras de Allan Kardec são inspiradas aparentemente pelo Antigo e Novo Testamento, embora

as suas visões “reveladas por espíritos” divirjam bastante da visão cristã.

Nos movimentos religiosos orientais, familiarizados com a noção da reencarnação, autodescoberta e auto-realização, a pessoa de Jesus se encontra numa linha com outros mestres como Buda, Krishna, Lao Tzu, Maomé.

Um guru que articulou claramente suas idéias sobre Jesus, a vida e a morte dele, é Bhagwan Shree Rejneesh. Tomo-o como exemplo, mas os pensamentos dele não são compartilhados somente pelos neosannyassins (adeptos de Bhagwan), mas são aceitos mais ou menos assim também em outros movimentos orientais (por exemplo, em Seicho-no-Iê, Hare Krishna).

São poucas as pessoas que reconhecem as grandezas dos mestres, conforme Bhagwan. E o reconhecimento é o primeiro passo. Veja uma palestra de Bhagwan; para quem reconhece “um Jesus”: “Está no caminho de se tornar um Jesus também. Só se pode reconhecer o que já existe dentro de si...”¹⁶ Jesus é considerado um dos poucos mestres. Há muitos professores que ensinam através de sua cultura, mas os verdadeiros mestres ensinam através de sua sabedoria¹⁷.

Para quem ama Jesus, Bhagwan diz, ele é o filho unigênito de Deus, como também Buda o é e Krishna. “O termo unigênito não diz nada da unicidade da pessoa de Cristo. É só uma questão de amor: o homem que é apaixonado por uma mulher chama-a de única mulher bela no mundo” No amor esta expressão não deixa de ser verdade¹⁸. Assim, quando um indivíduo alcança sua “realização interior”, como aconteceu com Jesus, ele é filho unigênito de Deus: “como se todas as coisas existissem só e unicamente para você”. E sobre a crucificação:

Jesus é puro amor, por isso foi crucificado. Tinha que ser. Um amor tão puro não pode ser tolerado, uma graça tão grande é difícil de ser suportada...¹⁹

A crucificação não foi um sacrifício, mas meramente a consequência das reações que Jesus provocou.

Neste modelo de interpretação, fazer a distinção entre Jesus e Cristo é de importância essencial. Os dois conceitos têm significados bem diferentes. Jesus foi uma pessoa histórica, enquanto “Cristo” é um estado de consciência:

Cristo é o princípio, Jesus é o filho do carpinteiro José. Num determinado momento, Jesus desapareceu e Cristo entrou. “Cristo” significa que de agora em diante o homem deixou de ser homem para ser alguém possuído por Deus.²⁰

O ponto central nesta espiritualidade é descobrir o seu “Cristo interior”. A morte e a ressurreição acontecem em primeiro lugar na nossa própria mente.

Conclusão

A estas alturas, o nascimento de Jesus não tem mais a ver com Natal, e tampouco se revela Páscoa na crucificação e ressurreição. O espiritismo e os movimentos orientais pregam antes uma divinização do ser humano do que a humanização de Deus. Preferem buscar a qualidade de Deus no ser humano do que o ser humano em Deus.

De certa maneira, parece-me que o cristianismo é mais antropocêntrico do que muitos acreditam.

Importante é que Deus veio para o mundo, muito mais cativante ainda é o milagre que ele se fez homem. Este Filho unigênito de Deus, amado pelo Pai, é morto.

Em vez de se deixar matar, Jesus oferece sua vida e se sacrifica livremente. O assassino dos homens se torna sacrifício de Deus. Na mesma cruz, Deus se revela e o ser humano mostra sua cegueira por esta revelação²¹.

O Filho de Deus e o Filho dos homens estava disposto a cumprir “tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lc 24.44).

Ele estava disposto a cantar novamente o Salmo 22, mas agora: na melodia da realidade do homem²². E o ressurreto aparece aos discípulos, em primeiro lugar como homem de ossos e sangue: “Então, lhe apresentaram um pedaço de peixe assado (e um favo de mel). E ele comeu na presença deles” (Lc 24.42,43).

Tornou-se homem novamente.

Notas

1 Cf. Henk Vijver, p. 149-152.

2 M. Eliade, p. 323-397.

3 Ovídio, Livro VIII, v. 611-724.

4 id., Livro I, v. 452-567.

5 Th. van Baaren, p. 82.

6 Id., p. 84.

7 Cf. W. Brede Kristensen, p. 96-108.

8 Th. van Baaren, p. 187s.

9 J. J. M. Timmers, p. 263.

10 id., p. 264s.

11 id., p. 285.

12 id., p. 274.

- 13 id., p. 296s.
 14 Nelson Porto.
 15 Allan Kardec, p. 64-74.
 16 Bhagwan, p. 172.
 17 id., p. 117.
 18 id., p. 20s.
 19 id., p. 50s.
 20 id., p. 13.
 21 H. Kraemer, p. 71.
 22 J. A. van Nie, *prédica* (não publicada) de 21 de abril de 1964.

Bibliografia

- BHAGWAN SHREE RAJNEESH. *Palavras de fogo*, Global ed., 1983.
 ELIADE, Mircea. *Tratado da história das religiões*. Lisboa, Cosmos, 1970.
 KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o espiritismo*. São Paulo, LAKE, 1986.
 KRAENER, Hendrik, *The Christian Message in a Non-Christian World*. New York, Harpers and Brothers, 1947.
 KRISTENSEN, W. Brede. *Symbol en Werkelijkheid*. Arnhem, Van Loghum Slaterus, 1954.
 MAYER, Jean-François. *Novas Seitas: um novo exame*. São Paulo, Loyola, 1989.
 OVÍDIUS, *Metamorphoses*. Leiden, E. J. Brill, 1975.
 PORTO, Nelson, e BOFF, Leonardo, *Via-Sacra da Ressurreição*. Petrópolis, Vozes, 1982.
 SACHS, Hannelore, BADSTUBNER, Ernst, e NEUMANN, Helga. *Christliche Ikonographie in Stichworten*. Leipzig, Koehler und Amelang, 1973.
 TIMMERS, J. J. M. *Symboliek en iconographie der christelijke kunst*. Roermond-Maaseik, J. J. Romen en Zonen ed., 1947.
 VAN NIE, J. A., *Prédica* (não publicada) de 21.04.63.
 VIJVER, Henk. *Teruggezonden: leven en geloven in Latijns-Amerika*. Kampen, Kok, 1990.

Saskia Ossewaarde (Holanda)
 Professora de Ciências da Religião na EST
 Caixa Postal 14
 93001 — São Leopoldo — RS